

JOÃO LUIZ PIZZATO

Há cinco anos em Tangará Instituto auxilia na recuperação de dependentes

>> Rosi Oliveira
Redação DS

Comprovadamente um dos maiores males que tem assolado a humanidade, as drogas tem destruído vidas e famílias inteiras, que se veem totalmente absorvidas pelo problema, que nem sempre oferece locais que possam dar suporte para o abandono da doença.

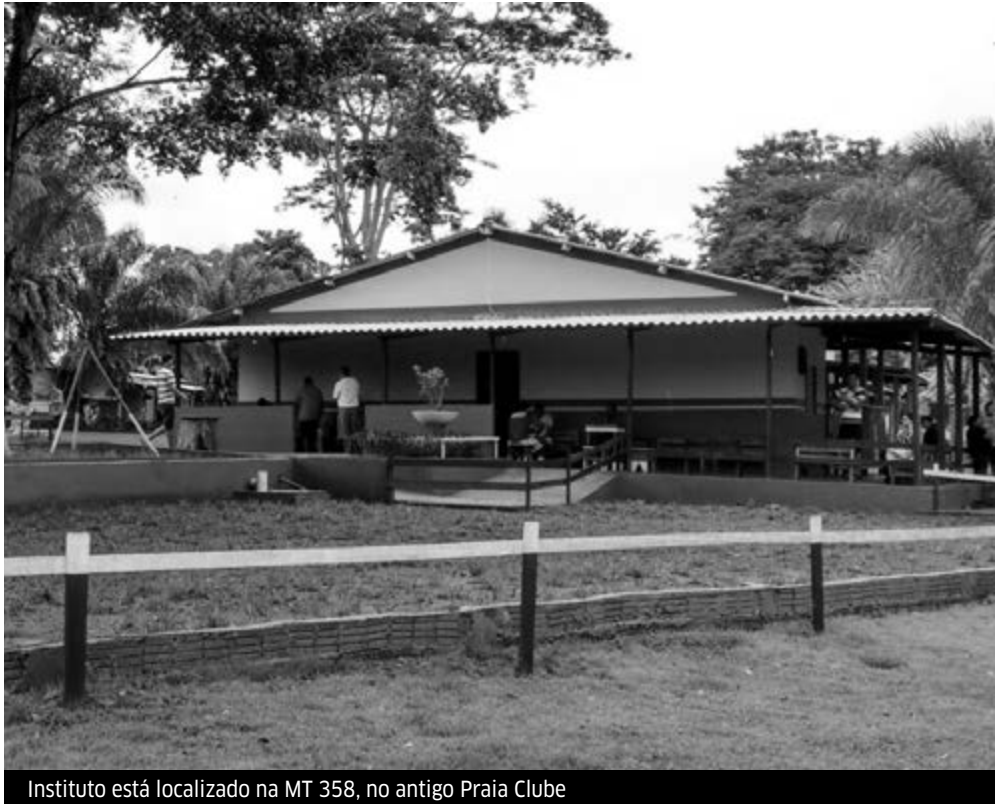
Muitas são as famílias que se veem sem saber onde e como buscar auxílio, que na grande maioria, tem um custo altíssimo, que nem todos tem condição de arcar.

Em Tangará da Serra, há cinco anos, o Institu-

to Resgate e Liberdade, João Luiz Pizzato, faz esse acompanhamento, para homens e também a reinserção dos acolhidos à sociedade. O instituto nasceu após, seu idealizador, fundador e diretor, o Assistente Social, José Luis Pizzato, conhecer o mundo obscuro das drogas, e por força do irmão, que dá nome ao instituto decidiu abandonar a dependência. “Ele foi o propulsor da minha recuperação. Me encaminhava para os tratamentos e pedia muito para que eu me recuperasse, pedia que eu saísse das drogas, mas a minha boa vontade não era muito pouco,

eu não tinha aquele desejo, mas quando voltei aos 45 anos de Belo Horizonte, resolvi com o meu exemplo e por ter sido ajudado, também ajudar”, conta o responsável pelo instituto, José Luiz.

Quando encontramos esse lugar, antigo praia clube, ele estava totalmente abandonado, mas entramos com muita vontade de ver o instituto ir para frente, uma vez que, já havíamos passado por outros locais. Então começamos a trabalhar. Era só dois quartos, a cozinha e um salão, que hoje foram totalmente reestruturados”, comenta, Pizzato.



Instituto está localizado na MT 358, no antigo Praia Clube

CONTRA DROGAS

Local de acolhimento, Instituto Resgate e Liberdade, ajuda em tratamento



O instituto foi fundado em 2012, possui capacidade para 44 acolhidos, conta hoje com 42

>> Rosi Oliveira
Redação DS

Antes de fundar o Instituto Resgate e Liberdade, João Luiz Pizzato, na ânsia de ajudar, José Luiz Pizzato implantou em conjunto com outras pessoas uma casa de recuperação no Progresso, próxima a Tangará da Serra, mas infelizmente, por problemas, acabou por se afastar. Depois, abriu novamente na Vila Esmeralda, mas a estrutura física do lugar era demasiadamente desconfortável. Foi aí que surgiu a oportunidade de implantar, onde funciona hoje.

O instituto foi fundado em 2012 e com apenas cinco anos, o local

possui capacidade para 44 acolhidos, conta hoje com 42.

Hoje o local conta com oito alojamentos com três beliches cada, banheiros, refeitório, cozinha e um espaço verde encantador, onde existe horta, chiqueiro, e local para oficinas oferecidas aos acolhidos, como artesanato, mestre de obra e cerâmica.

Segundo o diretor, o instituto se firmou graças a sociedade e as parcerias realizadas. “O que mais nos ajudou foi a sociedade em geral. Tentamos de todas as formas realizar convênio com o governo do estado. Fomos empurrados para lá e para cá, e até hoje nada, mas encontrei um caminho

de convênio e conseguimos realizar com o governo federal, graças a nossa cautela em fazer tudo de forma documental e transparente. Nosso contrato era de 20 vagas, hoje é de apenas 12, mas ajuda demais a manter o nosso trabalho”, destaca.

Embora tenha esse convênio, o instituto tem gastos bastante elevados, por isso muitas vezes recorre a comunidade tangaraense para suprir algumas necessidades. “A casa na verdade nunca deixou de precisar, gastamos por dia 15 quilos de arroz e oito de feijão, então a nossa maior dificuldade é com alimentação, não que outras coisas não sejam necessárias, mas

a alimentação sempre será bem vinda. Portanto tudo que vier estamos prontos para receber, roupas, calçados, cobertas, enfim, não estamos aqui para escolher”, afirma.

O instituto realiza o acolhimento por cerca de nove meses, onde é feito o trabalho com base no Narcóticos Anônimos e Alcoólicos Anônimos.

“Quando as pessoas vem para cá alguns dizem que elas está aqui para fazer tratamento, mas não, o tratamento vem de fora, com o encaminhamento médico. Aqui fazemos o acolhimento para que a pessoa possa fazer o tratamento medicamentoso já recebido”, esclarece Pizzato.

SÓ POR HOJE



Kleitom termina no final do ano a faculdade de Engenharia Civil

“Larga tudo e vai”, apela Amaral

>> Rosi Oliveira
Redação DS

Há seis anos, três meses e alguns dias, Kleitom Amaral Santos, foi um dos acolhidos da clínica, há época, no Progresso, que termina no final do ano a faculdade de Engenharia Civil.

Por mais de 18 anos no mundo das drogas, o rapaz diz que iniciou pelo vício ainda muito criança, quando acompanhava o pai ao boteco. “Não que eu esteja culpando ele, mas saía com meu pai e ia ao boteco, onde diziam, esse aí é macho e com uns nove anos dava um gole na cachaça”, lembra, ressaltando que para ser aceito

nos grupos de ‘amigos’, essa era uma das formas, experimentar.

“Com treze para quatorze eu já saía sozinho e comprava minha própria bebida e já chegava tonto em casa. Depois me mudei para Cuiabá onde as coisas se apertaram e conheci e experimentei de tudo. Tudo que aparecia para fazer parte daquele grupo tinha que experimentar, cocaína, maconha até chegar à pasta base, para fazer parte do grupinho”, lembra.

“Dou graças a Deus que colocou pessoas e anos que foram mostrando o caminho, mas o nascimento do meu filho foi o ponto chave”, comenta.